

[IVANA GUILHERME SIMILI]

Doutora em História. Universidade Estadual de Maringá (Uem-PR)

E-mail: ivanaguisimili@gmail.com

Apresentação

[14] As autobiografias e as biografias de designers, estilistas e costureiros/as estão em diversos artefatos de comunicação de moda. Estão nos capítulos dos livros dedicados a narrar a história da moda, escritos sob a perspectiva dos grandes nomes e de seus fazeres/contribuições por meio de suas criações; estão nos meios de comunicação, tais como jornais, revistas e, mais recentemente, nos documentários da televisão, nos sites e blogs que relatam as trajetórias dos homens e das mulheres que tiveram suas vidas e atividades vinculadas às artes do vestir pessoas, difundir noções estéticas e concepções de corpo e beleza em diferentes espaços e temporalidades. A esses processos comunicativos se somam os investimentos da cinematografia. A transformação de suas vidas em representações cinematográficas fornece pistas sobre quem foram, como viviam, como vivenciaram e experienciaram os processos criativos. Nas narrativas fabricadas pelo cinema, as pistas dos significados de suas trajetórias nas sociedades e culturas; de como negociavam com o mundo em que habitavam, significando seus percursos como personagens e personalidades da moda.

Textos, discursos e imagens que reforçam a importância das atuações desses homens e mulheres na criação e circulação do que conhecemos como moda. Documentos escritos e visuais que fornecem as pistas das relações estabelecidas por esses personagens consigo e com o mundo, entre o privado e o público. Histórias de vida com as memórias de suas atuações como designers, estilistas e costureiros/as, como produções e produtos das vivências e experiências com os saberes e fazeres envolvidos na criação de roupas, na circulação de concepções estéticas e estilísticas de formas e cores.

Com o intuito de pensar e contribuir com conhecimentos sobre as trajetórias biográficas como campo de estudo da/para a história da moda é que o dossiê "O fashion designer e a história da moda: os discursos, as abordagens e os modelos interpretativos" foi organizado. Nas páginas deste número o/a leitor/a encontra textos de autores/as nacionais e internacionais que enfrentaram o desafio de transformar percursos individuais em objetos de estudo para explorar teorias e metodologias de cunho biográfico.

Nesse sentido, são os princípios do individualismo metodológico segundo os quais uma história de vida é fonte preciosa para observar e conhecer a sociedade, a economia, a cultura, portanto, o mundo no qual a pessoa está situada, possibilitando entender nas ações e reações de um indivíduo, a maneira como age e reage às questões de seu tempo; como significa e ressignifica o próprio percurso que jamais é linear e coerente: sobrevoam as narrativas. De certo modo, por meio de caminhos múltiplos os textos tematizam problemáticas que exercitam teorias e metodologias que relacionam memórias, experiências e vivências da/na moda para conhecer contextos estéticos, sociais, culturais, econômicos, políticos etc.

Textos que abordam estes temas se distribuem não apenas nas páginas do dossiê, mas também nas seções de artigos, entrevistas e resenhas, como faces de abordagens e exercícios narrativos.

Faces desse mecanismo metodológico estão presentes no texto de Giulia Mensitieri. Por meio dos testemunhos de Thierry, designer de moda nos anos 1960 a 2000, a autora desvela as transformações na indústria da moda em Paris e Bruxelas, relacionando-as com o capitalismo, em seus passos e compassos da economia e do consumo.

[15]

Maria Lucia Bueno também segue algumas dessas trilhas ao focalizar as memórias de quatro mulheres: Jeanne Paquin (1869-1936), Jeanne Lanvin (1866-1946), Gabrielle Chanel (1883-1971) e Madeleine Vionnet (1876-1975). Como representantes da alta moda feminina francesa no início do século XX, os percursos dessas mulheres foram considerados vias para o acesso e a verificação de como as produções estéticas e estilísticas das roupas narravam os processos de modernização nas aparências femininas, tensionando e comunicando permanências e mudanças. Conservadorismo, vanguardismo e modernismo eram fenômenos sociais e culturais vivenciados pelas mulheres; estetizados, traduziam as concepções de gênero feminino como construções históricas observadas no período.

Os papéis e desempenhos das mulheres na/para a história da moda contam com as roupas/memórias como valiosos objetos de investigação para perceber os diálogos com as culturas, entre as quais as artísticas. O texto "Elsa Schiaparelli e o mundo da arte", de Aline Barbosa da Cruz Prudente, investe no enfoque dos vínculos da personagem com o movimento surrealista, notadamente com Salvador Dalí. São as apropriações e ressignificações da arte para a moda, e vice-versa, que entrevemos na narrativa.

Os atos e feitos dos homens na história da moda foram os caminhos biográficos percorridos por Livia Stroschoen Pinent, Paulo Debom e Renata

Fratton Noronha. No documentário da primeira coleção de Raf Simons, sucessor de Dior no comando de sua grife, Livia encontra os subsídios para pensar as tensões geradas pela morte de um dos principais expoentes da moda internacional. São os dilemas enfrentados por seu substituto para corresponder às várias expectativas – dentre as quais a do mercado com suas lógicas de produção e consumo – que o texto permite ver e entender.

Paulo Debon se volta para o percurso de Charles Frederick Worth. O método da descrição biográfica, em que as etapas de um percurso são organizadas como sendo significativas para a compreensão de uma trajetória, serve para o autor demonstrar o papel do costureiro na/para a moda. A pesquisa empírica, realizada sobre os documentos escritos e imagéticos dos anos 1850 e 1860, período do Segundo Império francês, embasa a seleção e a descrição dos momentos considerados relevantes, como operação histórica e historiográfica desenvolvida na narrativa.

O foco de Renata Fratton Noronha incidiu sobre a trajetória de Rui Spohr, com o objetivo de perceber como o costureiro e figura emblemática da moda brasileira dos anos 1950/1960 perseguiu a ideia de qualidade internacional e, neste mister, valorizou elementos culturais como meio de expressão da nacionalidade.

[16]

A prática da pesquisa histórica, feita sobre arquivos e documentos, levanta questões específicas sobre seus usos, potencialidades, critérios metodológicos e interpretativos nos enfoques biográficos. Alguns dos textos que integram este número podem ser lidos como orientações metodológicas acerca de como produzir e empregar entrevistas, fotografias e filmes cinematográficos com objetivos concentrados nos percursos dos sujeitos históricos da moda.

A entrevista com o designer João Pimenta, realizada por Kathia Castilho e Rogério Ortiz com o propósito de identificar o seu processo criativo, pode ser lida como roteiro para os trabalhos de coleta e constituição de fontes, configurando-se em arquivos para futuras investigações sobre/para o personagem, bem como para orientar na produção de guias de perguntas para a obtenção de depoimentos e de novos acervos para o conhecimento científico de moda.

Na mesma linha, a compreensão dos processos criativos como objeto de estudo é o enfoque de Vittoria Caterina Caratozzolo na análise do percurso de Nanni Strada, notadamente no desenvolvimento do projeto indumentário *Mappamodelo*, publicado na Itália em 2012. Na narrativa, a fusão entre vivências e experiências na criação de roupas e significações de corpo/corporeidades.

A análise dos trabalhos fotográficos de Hedi Slimane, desenvolvida por Roberto Filipello, se enquadra no rol de estudos que auxiliam o escrutínio de imagens com fins biográficos. No centro da problemática, a autonarrativa visual e sua instrumentalização para a história e a historiografia da moda.

A resenha de Débora Russi Frasquete acerca do evento de moda realizado em Veneza, escrita com o objetivo de refletir sobre os usos do cinema como recurso comunicativo e didático pedagógico, enquadra-se no que podemos chamar de preocupações que devem nortear o exame dos conteúdos fílmicos quando constituídos em fontes de pesquisa. Observação e confronto entre conteúdos fílmicos e bibliográficos – portanto, entre documentos – são os nortes dos encaminhamentos sugeridos na experiência didático-pedagógica de um evento e, por conseguinte, a tônica de seu discurso.

A literatura autobiográfica como fonte e os procedimentos metodológicos envolvendo as teorias e a historiografia aplicadas à moda dão o tom do texto de Christopher Breward que integra da seção Costuras, dedicada às traduções. Vasculhando as autobiografias e as biografias de Christian Dior como camadas de escritas, o autor percebe nas construções biográficas as séries de ditos, não-ditos e interditos que remetiam às temáticas da sexualidade/homossexualidade ou à cultura dos gêneros na qual o personagem estava imerso e com a qual dialogava.

Finalmente, na mesma seção dedicada às traduções, as reflexões de Ilya Parkins podem ser lidas como pressupostos para a abordagem de biografias de designers de moda, ao chamar a atenção, por exemplo, para as negociações entre imagens individuais e públicas estabelecidas e criadas por esses personagens em seus fazeres e nas escritas de memórias para si. Justamente por essa razão, as biografias, tanto como fontes quanto como método de abordagem para uma trajetória, têm muito a dizer sobre os indivíduos e a coletividade, ou sobre individualidades nos bojos das sociedades.